

ANÁLISE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO DAS VÁRIAS FORMAS DE SENTIDO DO TEXTO HUMORÍSTICO

Silmayra Pinto LIMA¹

Diany Carla Serra REIS²

Irlane Raissa Alves MARQUES³

Prof^a. Msc. Mary Joice Paranaguá RIOS (Orientadora)⁴

Resumo: Na linguagem oral ou escrita, o discurso pode ser transmitido de muitas maneiras pelo enunciador, sendo, assim, de extrema necessidade que os interlocutores tenham como base conhecimentos prévios para captação de um ou vários sentidos com respeito ao mesmo texto. O gênero textual “humor” possui vários subgêneros que são de extrema importância para uma completa análise linguística do estudo desses textos, envolve-se a necessidade de destacar a relação de leitor/ouvinte, no que diz respeito ao humor e suas várias formas de sentido, tendo em vista que os aspectos linguísticos afligem de forma contundente as vertentes do significado, formulando associações com o conhecimento profundo da língua, tendo em vista que o cômico notado sobeja, em aspectos sociológicos, psicológicos e até físicos, porém que dependem da compreensão do uso da linguagem funcional na construção de sentido, na maneira de abordar determinado assunto, utilizando de ferramentas pertinentes ao estudo no tocante à linguística. Entende-se que no gênero Humor estão contidas diversas tipologias textuais que, infelizmente, ainda são pouco utilizadas em estudos linguísticos, pela falta de conhecimento ou rejeição da importância do texto humorístico. De fato, a heterogeneidade desse gênero move a produção do presente trabalho.

Palavras-chave: Sentido; Humor; Linguística.

Resumen: En el lenguaje oral o escrito, el discurso es transmitido de muchas maneras por el enunciador, por eso es imprescindible que los interlocutores tengan conocimientos previos, para capturar una o más direcciones con respecto al mismo texto. El género “humor” tiene varios subgêneros que son importantes para un estudio completo de análisis lingüístico el estudio de estos textos e eso implica la necesidad de destacar la relación de lector/oyente, en relación con el estado de ánimo y el significado de sus diversas formas, teniendo en cuenta, que los aspectos Lingüísticos afectan con fuerza hebras de significado, por lo que las asociaciones con el conocimiento profundo de la lengua, dado en cómic notado abunda,

¹ Acadêmica graduanda em Letras com Habilitação Português/Espanhol na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: silmayra_lima@hotmail.com

² Acadêmica graduanda em Letras com Habilitação Português/Espanhol na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: diany_serra@hotmail.com

³ Acadêmica graduanda em Letras com Habilitação Português/Espanhol na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: irlane_raissa@hotmail.com

⁴ Professora mestre em Ciências da Literatura (UFRJ), da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: maryriosmary@hotmail.com

aspectos sociológico, psicológico e incluso físico, sino que dependen de la comprensión de la utilización del lenguaje funcional en la construcción del significado, la forma de abordar un tema, utilizando las herramientas necesarias para estudiar con respecto al lingüística. Se entiende que el género Humor está contenida tipos diferentes de textos que, infelizmente, aún son poco utilizados en los estudios lingüísticos, por la falta de conocimiento o de rechazo de la importancia de los cuentos humorísticos. De hecho, la heterogeneidad de este género trasladar la producción de este trabajo.

Palabras clave: Sentido; Humor; Lingüística.

1 Introdução

Esse trabalho foi elaborado com a proposta de desenvolver as diferentes habilidades individuais e em grupo, de modo que desperte o interesse e estimule a leitura e interpretação dentro da análise linguística de textos humorísticos, criando através dessa tipologia textual um melhor desempenho no que diz respeito à prática de produção de textos independente do seu nível acadêmico, formulando assim um parâmetro de importância do texto de humor, seja falado ou escrito, verbal ou não verbal.

Um dos objetivos da escola é fazer com que o educando seja um indivíduo com autonomia suficiente para construir seu próprio conhecimento, assim, deve-se inserir nesse processo uma análise, na qual os conteúdos possam ganhar um novo significado tornando-se fonte de motivação e interesse, é possível entender que de forma dosada, os recursos/aspectos que produzem o “riso”, tendo em vista, o sentido ou sentidos que são existentes dentro de um mesmo contexto e que podem sim, ser objeto de estudos utilizados na escola, contribuem para os entendimentos e interpretações que levam a múltiplas possibilidades de interação e diversão inseridas ao aprendizado da análise linguística.

Há diversas formas de análises desses textos, no entanto, por si só não funcionam. Existe a grande necessidade das intervenções por parte dos educadores, que podem interferir no desinteresse do aluno, utilizando o texto de humor como recurso para estimular a aprendizagem, neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem, como metodologia para o trabalho com os objetos de ensino de Língua Portuguesa, partir de atividades que envolvam o *uso* da língua, como produção e compreensão de textos orais e escritos em diferentes gêneros discursivo-textuais, seguidas de atividades de reflexão sobre a língua e a linguagem a fim de aprimorar as possibilidades de uso, baseando-se nesse modelo, principalmente, no sentido de retomar os conteúdos de forma espiral, mas apontando para a

diversidade dos gêneros discursivo-textuais e trabalhando com as propriedades tipológicas que os envolve, como leitura, produção de textos e análise linguística.

2 A Importância da Análise Linguística do Texto Humorístico

É possível perceber que o gênero Humor ainda é pouco utilizado nos estudos linguísticos, sendo assim é relevante trazer a importância da análise sobre esse tipo de texto que contribui na formação da compreensão do leitor/ouvinte.

Questionamentos são feitos a todo tempo acerca de, “O que nos faz rir?” “Por que essa sensação de riso coletivo nos agrada, seja quando compartilhamos ao assistir a um filme de comédia, um *Stand Up* no teatro, ou ao ler uma charge de crítica social/comportamental?”.

Todos esses questionamentos surgiram ao observarmos que, independente do que se crê da convicção política, gosto musical, todos gostam de dar uma boa risada. Rir alivia tensões, traz sensações boas de alegria, desestressa e, no sentido coletivo, isso faz com que haja uma aproximação entre as pessoas.

As orientações metodológicas dadas pelos PCNs resultam, também, das concepções sobre língua, linguagem e ensino-aprendizagem, que são assumidas dentro dos mais variados “tipos textuais”. Afinal, apesar do diferencial de não serem diretrizes, mas sim referenciais/sugestões/orientações/ *parâmetros*, mantêm as características do gênero “proposta curricular de ensino de língua materna” ao elegerem o professor de Língua Portuguesa como interlocutor direto e apontarem para a necessidade de haver, na prática docente, um posicionamento claro a respeito desses conceitos, que são bem explícitos nos PCNs da seguinte maneira, “[...] língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade.” (BRASIL, 1998, p. 20).

Ainda que não façam menções explícitas a respeito dos conceitos teóricos que lhes servem de base, é possível dizer que as concepções sobre língua e linguagem que embasam os PCNs advêm da teoria da enunciação, dada por Bakhtin (2003). De acordo com essa teoria, ao se apropriar do aparelho formal da língua, isto é, ao enunciar, o indivíduo coloca-se como locutor, revelando sua individualidade, sempre marcada pelas condições sócio-históricas em que se insere. Na enunciação, o indivíduo implanta o outro diante de si e, nesse momento, a língua passa a efetuar-se em uma instância de discurso, através da qual ocorre a interação.

Ao interagirem através da linguagem, as pessoas estão sempre se constituindo e organizando suas atividades mentais, ao mesmo tempo em que a língua se constitui e se

organiza, em um fazer e desfazer contínuo. Essa situação de produção, circulação e recepção é o que compõe os gêneros do discurso e mostra a língua como sendo viva e dinâmica.

A prática de análise linguística é de fundamental importância, pois essa atividade é a reflexão sobre o uso da língua e sobre o sistema linguístico, com vistas ao tratamento escolar de fenômenos gramaticais, textuais e discursivos. Essa prática é também uma atividade de leitura e releitura, voltada para a reestruturação do texto. A análise linguística é parte das práticas do ensino escolar, consistindo numa reflexão explícita e sistemática sobre os usos e o funcionamento da linguagem de textos (MENDONÇA, 2006).

Geraldi (2003, p. 74) afirma:

O uso da expressão “prática de análise linguística” não se deve ao mero gosto de novas terminologias. A análise linguística inclui tanto o trabalho sobre questões tradicionais da gramática quanto a questões amplas a propósito do texto, entre as quais vale à pena citar: coesão e coerência internas do texto; adequação do texto aos objetivos pretendidos; análise dos recursos expressivos utilizados (metáforas, metonímias, paráfrases, citações, discurso direto e indireto, etc.); organização e inclusão de informações; etc. Essencialmente a prática de análise linguística não pode limitar-se a higienização do texto do aluno em seus aspectos gramaticais e ortográficos, limitando-se a “correções”. Trata-se trabalhar com o aluno seu texto para que ele atinja seus objetivos junto aos leitores a que se destina.

Ao se trabalhar a análise linguística com o aluno, o professor estará mostrando como o texto se organiza, seus elementos gramaticais, a concordância do texto, e outras infinitas possibilidades de análise do uso, e das diversas possibilidades linguísticas; a partir da análise feita por meio do texto, é possível partir para sua reestruturação, para a ampliação, supressão de ideias e outros recursos importantes nas atividades de revisão de um texto.

A análise linguística deve ser feita nos textos, independente de ele ser falado ou escrito, com uma visão ampla, buscando todos os aspectos, desta maneira afirmam Savioli e Fiorin (1998), um texto não precisa ser necessariamente verbal, pois, qualquer que seja a forma, o conteúdo se manifesta (verbalmente ou visualmente). O texto tem um início e um fim. É delimitado por dois brancos, ou seja, por dois espaços de não sentido. No texto verbal escrito, esse branco equivale ao espaço que o delimita; no caso do texto falado, é o silêncio que precede o momento de tomar a palavra e que segue a seu término.

A concepção do educador precisa passear dentro da ideia de busca dos atrativos do ensino, para que o aprendizado dos alunos seja gratificante, ressaltando que os textos inserem-se nos mais variados gêneros textuais, pois, como afirma Marcuschi (2002, p. 22), “[...] é

impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum gênero, assim como é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto.”.

Assim, o autor supracitado revela, também, que é preciso atentar para que não se confunda gênero com tipo de texto. A expressão tipo textual refere-se à natureza linguística de sua composição, ou seja, aos aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas e abrangem um conjunto limitado de categorias conhecidas como narração, descrição, exposição, argumentação e injunção.

Os gêneros textuais, porém, constituem textos materializados, encontrados em nossa vida diária, os quais apresentam características sociocomunicativas, determinadas por conteúdos, propriedades funcionais, estilos e composições características. Podem ser citados exemplos como: carta pessoal, bula de remédio, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, resenha, piada, entre outros. Em se tratando dos textos humorísticos por excelência, o discurso pauta-se pelo entretenimento, como é o caso das anedotas, das histórias em quadrinhos, amplamente difundidas desde a nossa infância.

No entanto, há aqueles textos em que o humor está subsidiado em um objetivo do qual precisamos ativar nosso conhecimento de mundo – aquele adquirido ao longo de nossa experiência –, para então “descortinarmos”.

2.1 Enunciação no Texto de Humor: as várias formas de sentido

Os textos humorísticos são manifestações sociais que possuem aspectos linguísticos específicos, capazes de provocar o efeito do humor. Frequentemente, estes textos estão baseados em estereótipos, e quase sempre veiculam discursos proibidos, ambíguos, não oficiais, que, provavelmente, não se manifestariam em uma entrevista, assim ressalta Veatch (2005, tradução nossa), sobre as características do texto humorístico.

Não são apenas os elementos verbais que compõem um texto de humor, por isso sua teoria trabalha os não verbais. Porém, o que mais interessa a uma análise linguística desses textos é a descrição dos gatilhos e das causas que fazem um texto compatível com mais de um script. Em outras palavras, a análise deve girar em torno de “qual é a característica textual, verbal da piada.” (POSSENTI, 2002, p. 23).

Segundo Possenti (2002), embora o texto não seja o único fator relevante no processo de leitura, é o ingrediente mais importante, pois é ele que demanda e limita a atividade do leitor.

De acordo com Propp (1992), os caracteres cômicos não existem por si só, eles têm relação com as atividades do homem no mundo social. Mesmo quando estamos rindo de um macaco em um zoológico, na verdade, não rimos do próprio animal, mas dos gestos que correspondem a determinados significados na coletividade humana. A identificação de uma atitude cômica ou humorística aponta para o reconhecimento de gestos sociais que rompem com uma conduta ideal. Para compreensão de textos humorísticos, é necessário que o leitor faça operações epilinguísticas, possua conhecimentos sobre a língua, sobre comportamento linguístico que se espera de um sujeito em determinada situação e sobre o contexto em que se produziu o texto.

Toda e qualquer produção escrita é fruto de um conjunto de fatores, que se encontram interligados e se tornam indissociáveis, de modo a permitir que o discurso se materialize de forma plausível. Portanto, infere-se que tais fatores se ligam aos conhecimentos de quem o produz, sejam esses de ordem linguística ou aqueles adquiridos ao longo da trajetória cotidiana. Aliada a essa prerrogativa existe aquela que inegavelmente norteia a concepção de linguagem, ou seja, a de possuir um caráter dinâmico e estritamente social. Isso nos leva a crer que sempre estamos dialogando como o “outro”, e que, sobretudo, compartilhamos nossas ideias e opiniões com os diferentes interlocutores envolvidos no discurso. O que se quer destacar nesse sentido, é que o discurso seja ele qual for, tem a relação com outros já existentes e internalizados no enunciador, sendo assim é perceptível que o mundo que nos rodeia tem sim, uma grande influência no momento de expressarmos pensamentos e elaborarmos a fala ou escrita. Neste sentido, pode caracterizar como *teoria da enunciação*, o *sujeito* como centro de reflexão da linguagem, distinguindo *enunciado* (o já realizado) de *enunciação* (ato de produzir o enunciado).

O que interessa, portanto, é o processo, isto é, as marcas do sujeito naquilo que ele diz. As considerações das formas da língua que se definem a partir do uso pelo sujeito, levam a ideia de *subjetividade* na linguagem, onde o locutor (enunciador) se apropria dessas formas, instituindo-se como *eu* e definindo seu interlocutor (ouvinte/leitor) como *tu*. Em direção distinta, aparece a enunciação como fenômeno social, em vez de individual, na relação entre sujeito e sociedade. Aqui, se ressalta a importância do contexto social, no qual está inserida a pessoa que produz a charge, piada, *stand up*, anedota, ou qualquer outro subgênero, do Humor.

Assim, seu conceito de enunciação é a apropriação que o locutor faz da língua para falar - uma relação do sujeito com a língua, tornada discurso. O autor esboça, então, os caracteres formais da enunciação, considerando o

próprio ato, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização. Dessa forma, o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. (BENVENISTE, 1989, p. 834).

É possível perceber a importância do estudo mais centrado da língua, no artigo “Os níveis de análise linguística” de Benveniste (1962, p. 127) que salienta e afirma:

A grande mudança sobrevinda em linguística está precisamente nisto: reconheceu-se que a linguagem devia ser descrita como uma estrutura formal, mas que essa descrição exigia antes de tudo o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados, e que em suma a realidade do objeto não era separada do método próprio para defini-lo.

Portanto, é perceptível que existem aspectos mais profundos, que nos permitem entender o texto além de seu sentido formal e superficial, adentrando aos sentidos de um enunciado, que mesmo sendo um, possui diversas vertentes.

Para se chegar a entender os elementos significativos de grupos sociais, é preciso vivência, familiaridade. Do mesmo modo, para se compreender o significado de frases e textos, não basta apenas conhecer palavras isoladas, mas, sim, todo contexto, tanto linguístico como extralinguístico, que os envolvem. (REHFELDT, 1980, p. 72).

É bem sabido que, aspectos tais como sentido e contexto, andam juntos e por causa de alguns elementos do próprio texto ou da língua, as significações podem sofrer variações, quem lê/ouve o enunciado, precisa estar atento a esses fatores, para que haja uma assimilação contundente do conteúdo abordado, ou tema central.

Para Gregolin (1993, p. 25): “Buscar o desvendamento dessa tessitura particular que envolve diferentes elementos e produz efeitos *de sentidos*: são os procedimentos de argumentação que unificam o sentido e apontam para os vários sentidos criados no texto.”

Deve-se então abordar e observar tanto as relações intralinguísticas, como a coesão e a coerência textuais, como as extralinguísticas, analisando o texto no contexto que foi produzido. Essa abordagem e observação sociocomunicativa, semântica e formal, precisam ser vista em conjunto, onde todas as vias do sentido linguístico devem ser estudadas, para entender o que provoca a sensação de “graça”, “riso”, “sorriso” e conversação com os interlocutores, que observam o discurso.

De acordo com Barbisan (2006), a relação entre frases se produz no enunciado, entendido como um segmento de discurso. Enunciado e discurso têm, pois, um lugar e uma data, um produtor e um ou vários ouvintes. É fato empírico, observável e não se repete. Podemos afirmar, assim, que as noções de signo, relação, língua e frase encontram-se subjacentes a esses conceitos, entretanto modificadas.

Conforme essa concepção, a significação é o valor semântico da frase e o sentido é o valor semântico do enunciado. A significação da frase é de natureza diferente do sentido do enunciado. A cada frase de uma língua atribui-se uma significação, que serve como uma instrução que elucida o sentido de seus enunciados no discurso. Considerando esse ponto de vista, a significação não preexiste ao uso, ao contrário, é aberta: contém instruções que indicam que tipos de indícios é preciso procurar no contexto linguístico para se chegar ao sentido do enunciado. Com isso, justifica dizer-se que o enunciado não se repete.

2.2 Uma Reflexão: o valor textual do humor

É importante observar que os livros didáticos de Língua Portuguesa em uso nas escolas, nos últimos anos, dispõem fatores interessantes sobre estudo que é decorrente, principalmente, das discussões voltadas para a necessidade de se abordar diferentes gêneros textuais e do estudo do texto. São comuns perguntas sobre o humor em tiras ou mesmo em piadas. Muitas vezes, pergunta-se em que consiste o humor da tira, o que o desencadeia, o evoca ou, até mesmo, o motivo de a tira ser engraçada. No entanto, acredita-se que os estudos da enunciação possibilitam ir além dessas questões, por acrescentarem um novo olhar, uma nova reflexão sobre a construção do humor. Por esse motivo, parece-nos ser possível e necessária a relação do ensino da Língua Portuguesa com gêneros textuais.

Tendo em vistas todas essas afirmações, é perceptível a urgência e importância do trabalho de gênero textual humorístico em sala de aula, que pode ser enxergado por várias esferas e desenredado de diferentes formas, visto que seus componentes são muitos, tornando assim uma análise mais ampla e fomentada com conteúdos muito abrangentes. O discurso cômico-humorístico é uma ferramenta interessante para o estudo da comunicação, visto que manifesta representações sociais sobre cultura, política, economia, ética, fenômenos psicológicos e fisiológicos entre outros aspectos.

Os textos de humor apresentam um domínio linguístico complexo, que envolvem o interlocutor em problemáticas de interpretação e trazem uma série de questões linguísticas que as ciências da linguagem têm procurado responder na atualidade. É possível analisar os

textos humorísticos através de um referencial teórico baseado no discurso que entende o texto enquanto espaço de negociação de sentidos. Estas peças textuais geralmente acionam mais de um mecanismo linguístico e posicionam o locutor frente à realidade, à imagem que faz de si e de outro, sempre partindo daquilo que enunciou ou deixou de enunciar.

A desqualificação cultural do humor está no fato de que rir é uma atitude “natural” e “infantil” que tanto nos remete a pretéritas situações de imaturidade de comportamento quanto nos projeta para “fora” da racionalidade dessa cultura. Esse riso que desajeitadamente esboçamos nos coloca diante de uma incômoda subjetividade, nos remete a uma fase ultrapassada de nossas vidas [...]. (SODRÉ, 2005, p. 34, grifos do autor).

Deste modo é possível perceber a presença crucial da grande importância que esse estudo nos delega, com aspectos de análise linguística de textos do gênero humorístico, pode-se traçar uma forma mais criativa e interessante de uma pesquisa profunda dentro desse campo de variedades de sentido, que por muitas vezes é tão desprezado pelos próprios estudiosos, que subsidiam a significância desse tipo de texto, no fato de ser um gerador de risos, e não de forma mais profissional, adentrando nas entrelinhas e explícitos/implícitos contidos nele.

3 Conclusão

Torna-se de fundamental importância nortear a modalidade em questão, entendendo que a interlocução de um texto, no caso aqui abordado, humorístico, somente é efetivada quando há a interação de sentido entre enunciador e os interlocutores. Tal interação parte do princípio de que todo texto se perfaz por uma finalidade discursiva e, para tanto, faz-se necessário que o interlocutor a desvende de maneira plausível, interpretando e adequadamente a ideia que se deseja transmitir, compreendendo todo o jogo que se instaura por meio das palavras, identificando todas as conotações presentes, enfim, interpretando os efeitos de sentido instituídos pelo enunciador a partir de um contexto.

A incorporação do texto humorístico, dentro da análise linguística apenas terá sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. Não é só a presença dos recursos de humor, que garante um interesse e a melhoria da qualidade do ensino linguístico da interpretação de textos humorísticos, mas é, também, fundamental saber selecionar e utilizar esses textos humorísticos, para que se entenda a importância dos fatos e acontecimentos que rodeiam os enunciados analisados, provocando a “graça” ao ler/ouvir e despertando um

espírito crítico/construtivo, que é adicionado ao saber através das análises feitas, com um olhar diversificado, onde os vários aspectos que constroem o humor são identificados de forma a enriquecer o conhecimento de quem os estuda.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBISAN, Leci Borges. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera L. (Org). **Émile Benveniste: interfaces e discursos**. Santa Maria: UFSM, n 33, p. 23-35, jul/dez. 2006.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
- _____. Os níveis de análise linguística. In: _____. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental - Língua Portuguesa**. Brasília: SEF/MEC, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. (Org.). Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GREGOLIN, M. R. F. V. Linguística textual e ensino de língua: construindo a textualidade na escola. **ALFA**, v. 37, p. 23-32, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MENDONÇA, M. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: BUNZEN, C. & MENDONÇA, M. **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua: análises linguísticas de piadas**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- PROPP, Vladimir. **Comicidade e riso**. São Paulo: Ática, 1992.
- REHFELDT, G. K. **Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento**. Porto Alegre: EDURGS, FAPA e FAPCCA, 1980.
- SAVIOLI, F.; FIORIN, J. L. **Manual do candidato: português**. Brasília: FUNAG, 1998.
- SODRÉ, L. G. **Sentidos do humor, trapaças da razão: Charge**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

VEATCH, T. C (2005). A Theory of Humor. **HUMOR: International Journal of Humor Research**, Berlin: Mouton De Gruyter, v. 11. n. 2, p. 161-216, May 1998. Disponível em: <<<http://www.journalofhumorresearch.com>>>. Acesso em: 24 fev. 2013.